

## A crítica benjaminiana como mediação entre a obra e sua compreensão

Palavras-chave: Crítica, Benjamin, Romantismo

Ao decretar o fim da arte como forma privilegiada de manifestação do Espírito em suas *Lições de Estética*, Hegel não condena as obras de arte à irrelevância, como uma leitura superficial poderia supor, mas sim identifica um problema de mediação. As obras de arte continuarão sempre a ser produzidas e consumidas. Contudo, a Modernidade constitui um momento da História em que estas obras perdem a capacidade de comunicar-se diretamente com seu público. A Estética cumpre, neste sentido, o papel de revelar um conteúdo de verdade das obras que não se manifesta mais diretamente. Ao mesmo tempo, a Estética como abordagem filosófica da arte revela, ainda segundo a visão hegeliana, a emergência um novo período histórico, no qual a Filosofia se afirma como única forma de manifestação do Espírito.

Os fundamentos do pensamento hegeliano, que dão sustentação à sua Estética, foram alvo dos mais diversos questionamentos desde o fim do século XIX. No entanto, a sua tese do fim da arte permanece como uma pergunta em aberto. As diversas crises e revoluções, que moldam o panorama da arte moderna na virada do século XIX para o XX, assim como as diversas teorias que surgem como tentativa de compreender estas mudanças de paradigma, parecem comprovar o veredicto hegeliano: para as vanguardas do século XX, a mensagem contida na obra se torna mais importante do que sua própria forma. Sem que se compreenda o contexto e a concepção na qual a obra se insere, a apreciação de obras de artistas como Marcel Duchamp se torna quase que impossível. A crise da arte é, conforme analisou Hegel, uma crise do Belo na Arte.

Seria, no entanto, um equívoco afirmar que a Estética hegeliana oferece a única leitura possível desta crise. Poucos anos antes de Hegel ministrar os cursos de Estética que mais tarde seriam publicados com base nas anotações de seus alunos, surgia no círculo romântico de Iéna um conceito de crítica de arte que, por caminhos diversos, buscava responder às mesmas indagações da época. Autores como Novalis e os irmãos Schlegel não chegam em nenhum momento a afirmar a radical possibilidade de um fim da arte, mas a sua proposta de reaproximação entre arte e filosofia – pressupondo que elas estiveram unidas num passado distante – indica o reconhecimento de um mesmo problema: a Arte não é mais capaz, por si só, de comunicar sua verdade. O que difere a resposta romântica da estética hegeliana é sobretudo a convicção de que a arte não deve, em momento algum, submeter-se ao pensamento filosófico. O que estes autores propõem é antes uma interdependência entre ambos.

A teoria romântica da arte é até hoje vítima de um preconceito, que a acusa de irracionalismo devido a este seu intuito de trazer a poesia e o sentimento para dentro do pensamento teórico. No entanto, o Romantismo teve influência decisiva na obra de alguns dos principais nomes da filosofia da arte no século XX, sobretudo no seu país de origem, a Alemanha. Entre estes nomes, destaca-se o de Walter Benjamin.

Em 1919, Benjamin publica sua tese de doutoramento sobre o conceito de crítica de arte no Romantismo alemão. Analisando a teoria de arte de Novalis e de Friedrich Schlegel, ele mostra como a crítica romântica é “por um lado acabamento, complementação e sistematização das obras, por outro sua dissolução no Absoluto”. O contexto no qual este intuito romântico se insere é marcado por uma tentativa de, através da arte, romper com as limitações impostas pela filosofia kantiana ao pensamento humano. Benjamin, que em seus escritos de juventude é movido por intuito semelhante, encontra no conceito de crítica de arte como ‘complementação’ da obra um caminho para uma nova metafísica da arte. Em vez de impor o peso da teoria filosófica sobre a obra de arte, como propõe a estética hegeliana, a crítica de arte romântica busca construir seu discurso a partir de um diálogo com a obra. A adesão a este princípio romântico será uma marca de toda a futura obra benjaminiana.

Em uma de suas obras mais importantes, *Origem do drama barroco alemão*, Benjamin adota, contudo, uma postura antagônica em relação ao conceito romântico de crítica. “Crítica é mortificação da obra”, sugere Benjamin no prefácio da obra. O conceito de crítica que dá sustentação à sua análise do teatro alemão da época da Contrarreforma não visa mais complementar estas obras e induzir sua dissolução no Absoluto, mas sim uma decomposição da obra em seus elementos, com vistas a sua “salvação na Ideia”. As aspirações românticas à transcendência, que norteiam a tese de doutorado de

Benjamin, dão lugar a uma visão messiânica da História, que enxerga apenas no Juízo Final a possibilidade de superação da imanência.

O foco deste trabalho, no entanto, é entender como estes dois conceitos de crítica, que surgem na obra de Benjamin, estabelecem diferentes formas de mediação entre a obra e sua compreensão. Não somente em suas obras mais teóricas, mas também em aplicações de sua ideia de crítica, como é o caso do seu ensaio sobre as *Afinidade eletivas* de Goethe, Benjamin rejeita um papel de juiz a respeito do valor das obras para construir uma interpretação da obra a partir de si mesma. No panorama atual, em que a compreensão das obras de arte demanda cada vez mais um suporte teórico, as reflexões benjaminianas sobre o conceito de crítica de arte têm muito a contribuir.

#### Bibliografia:

BENJAMIN, Walter. *Gesammelte Schriften* (vol. 1). Frankfurt: Suhrkamp, 1991

FRANK, Manfred. *Einführung in die frühromantische Ästhetik*. Frankfurt: Suhrkamp, 1989

HEGEL, Georg F.W. *Werke* (vol. 13). Frankfurt: Suhrkamp, 1986

STEINER, Uwe. *Die Geburt der Kritik aus dem Geist der Kunst. Untersuchungen zum Begriff der Kritik in den frühen Schriften Walter Benjamins*. Würzburg: Königshausen und Neumann, 1989

WITTE, Bernd. *Walter Benjamin. Der Intellektuelle als Kritiker. Untersuchungen zu seinem Frühwerk*. Stuttgart: Metzler, 1976